

“POR QUE VOCÊ NÃO CONFIA NO SEU POTENCIAL? PARA TUDO, GATA!”: ANÁLISE LINGUÍSTICA DO DISCURSO DE AUTOAJUDA PARA ADOLESCENTES

Marize Barros Rocha Aranha^a

Cláuberson Correa Carvalho^b

RESUMO

Este artigo pretende analisar o discurso de autoajuda para adolescentes sob uma perspectiva linguística. Ancora-se em estudos da Análise do Discurso de linha francesa. Seleccionaram-se como *corpus* três edições publicadas pela revista *Capricho* entre janeiro e março de 2015. A análise aponta que o *ethos* desse discurso reclama efeitos de autoridade, certeza e espontaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso Francesa; *ethos*; autoajuda.

Recebido em: 31 out. 2016

Aprovado em: 30 abr. 2017

Introdução

Neste artigo, pretendemos analisar o discurso de autoajuda para adolescentes sob uma perspectiva linguística. Tomamos a língua como nosso ponto de interpretação. Focalizamos os registros linguísticos

^a Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-SP). Professora Adjunta IV do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail para contato: aranha.marize@gmail.com.

^b Mestre em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Licenciado em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela UFMA. Revisor de Textos da UFMA. E-mail para contato: claubersonccc@gmail.com.

como gestos de enunciadores localizados num contexto situacional definido, com orientações também definidas. Dessa maneira, não estamos isolando as formas linguísticas, muito menos descrevendo o funcionamento de formas abstratas. Pelo contrário: analisamos enunciados recortados de um regime discursivo definido. Consideramos que o analista do discurso não trabalha com exemplos abstratos, mas com realizações funcionais de determinado discurso; é a língua em funcionamento. Trata-se, portanto, de conceber que toda forma de língua constitui sentido e modela o sentido por conta de suas próprias particularidades.

Portanto, fundamentamo-nos no arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (AD, doravante), com os trabalhos de Maingueneau (2008b, 2008c, 2013), o qual possui, entre os analistas de discurso franceses, a mais sólida formação de linguista (POSSENTI, 2009). Partimos de uma concepção de *ethos* que *deseña* a projeção de imagem do enunciador com base em marcas linguísticas expostas na superfície discursiva, isto é, na própria enunciação.

O *corpus* da pesquisa compreende edições publicadas pela revista *Capricho*³. Situamos esse produto midiático nos domínios do discurso de autoajuda para adolescentes (FERREIRA, 2015; FURLAN, 2013; NUNES, 2009; FISCHER, 1996), uma vez que recorre a recursos e estratégias argumentativas que orientam leitores adolescentes como relacionar-se consigo, com o corpo, a sexualidade, a família e o próprio futuro. Coletamos, aleatoriamente, três edições sequenciais publicadas entre janeiro e março de 2015. Compõem a nossa análise enunciados cuja cenografia⁴ é claramente de autoajuda, isto é, sequências em que identificamos um sujeito aconselhador e um aconselhado. Dessa forma, as

³ Produto da Editora Abril, a revista *Capricho* “encontra-se em um espaço discursivo de interseção entre o feminino e o jovem”, escrevendo sobre temas que “chamam atenção desse público específico” (moda, beleza, comportamento, música, sexo, horóscopo) (FRANÇA, 2013, p. 93). Segundo Scalzo (2011), a revista *Capricho* detém a posição de principal publicação brasileira destinada a adolescentes, com periodicidade mensal.

⁴ Para Maingueneau (2008b, p. 117), a cenografia representa a cena de fala que configura certo discurso; é demandada pelo próprio texto. A cenografia de uma notícia pode ser cômica, dramática, interativa, didática. Cada gênero constrói cenografias distintas. Há certos gêneros, porém, que não possuem cenografias, já que dispõem de formas fixas de organização – portaria administrativa, bula, atestado de óbito.

seções de música e celebridade não foram focadas, enquanto as de comportamento, horóscopo, beleza, sexo, moda e teste reclamaram nosso olhar.

Como categorias de análise, elegemos modalidade linguística e marcadores conversacionais. A escolha segue os critérios de regularidade, em virtude da recorrência de certas estruturas linguísticas no texto; e produtividade, em termos de discussão e reflexões teóricas tanto para o campo da AD quanto para pesquisas que investigam o funcionamento do discurso de autoajuda para adolescentes.



Figura 1 – Capa das edições 1206, 1207 e 1208.

Situamos nossas discussões na perspectiva enunciativo-discursiva desenvolvida por Maingueneau, para quem a natureza textual dos discursos é crucial. Lembramos, nos dizeres de Possenti (2009, p. 54), que “[...] a AD propõe explicitamente que essas estruturas [textuais] são o lugar material em que se dão os processos discursivos (os efeitos de sentido)”. Nosso foco, então, está nos modos de dizer, nas formas de construção do texto, na tessitura do discurso⁵. Entendemos que as formas de construção textual são antes escolhas estratégicas do que simples registros linguísticos.

A princípio, esse tipo de enfoque estaria relacionado com o núcleo “rígido” do campo da linguística, que privilegia o estudo da língua, no sentido saussuriano-

⁵ Lembramos que o nosso recorte consiste em apenas um olhar sobre o discurso de autoajuda para adolescentes. Trata-se, na verdade, da nossa escolha epistemológica, definida a partir da pergunta a que pretendemos responder. Maingueneau (1997) já alertara que os analistas do discurso devem definir e delimitar seus espaços de investigação.

no, em propriedades formais (MAINGUENEAU, 1997). A análise linguística aqui proposta, no entanto, não se esgota na descrição de elementos de ordem gramatical, como se estes fossem independentes de uma formação maior, já que a linguagem é, “a um só tempo, integralmente formal e integralmente atravessada pelos embates subjetivos e sociais” (MAINGUENEAU, 1997, p. 12).

Optamos pela linguística, uma vez que “os processos discursivos poderão ser apreendidos com maior eficácia, *considerando os interesses próprios à AD*” (MAINGUENEAU, 1997, p. 17, grifos nossos). Isto é, os modos de dizer podem ser percebidos de maneira mais eficiente quando pensados no escopo próprio da linguística, que fornece substância conceitual e teórica para interpretá-los. Isso não quer dizer, todavia, que outros gestos de interpretação não sejam realizados – ou que este ou aquele gesto detenha um efeito de verdade e se sobreponha a outro. Sobre isso, Fiorin (2015, p. 45) assevera: “[...] escolhemos uma teoria não em função de sua verdade, mas em razão do que pretendemos responder na nossa pesquisa”.

Quando se propuseram analisar, também linguisticamente, o discurso de autoajuda, Brunelli e Dall’aglio-Hattner (2011) argumentaram que a discursividade atravessa a língua não em uma dimensão especial e única, mas num conjunto de fronteiras da linguística, em níveis inter-relacionados, de maneira que um mesmo registro pode mobilizar domínios da morfologia, da sintaxe e da semântica:

Como a discursividade atravessa a língua sem se limitar a nenhuma de suas dimensões em especial (a semântica, por exemplo), *cada discurso tem uma maneira própria de materializar-se, aproveitando de uma forma ou de outra os recursos de expressão*, o que, por sua vez, faz da análise discursiva uma análise não limitada pelas divisões internas da Linguística, nem dependente de uma ou outra de suas correntes (BRUNELLI; DALL’AGLIO-HATTNER, 2011, p. 14, grifos nossos).

Retomando os trabalhos de Maingueneau (2008a, 2008b), o conceito de *ethos*, embora pertencente à tradição retórica, é concebido neste trabalho no bojo de relações AD. Justificamos nosso recorte em virtude de o autor situar

seu conceito em um quadro de análise que privilegia gêneros⁶ discursivos “instituídos”, em oposição aos gêneros conversacionais. Interessam-lhe gêneros em que os sujeitos assumem papéis preestabelecidos, com certa estabilidade durante o evento comunicativo. Situação que compreende nosso objeto, a revista *Capricho*, na qual as posições de sujeito enunciador e sujeito enunciatário parecem não variar.

Para Maingueneau (2008a), *ethos* designa a projeção de imagem do enunciador em seu próprio enunciado, sem que, explicitamente, fale sobre si. Trata-se de um conjunto de sentidos que são atribuídos a um enunciador a partir de seu enunciado: “[...] dir-se-ia que o *ethos* se desdobra no registro do ‘mostrado’ e, eventualmente, no ‘dito’. Sua eficácia decorre do fato de que envolve de alguma forma a enunciação sem ser explicitado no enunciado” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 70). Reforçamos que o *ethos discursivo* não remete às características físicas ou comportamentais do enunciador (seus atributos “reais”), embora a elas esteja associado. Esse *ethos* mobiliza a exterioridade linguística que está constitutivamente na realidade intradiscursiva, nos modos de dizer.

Quanto ao discurso de autoajuda, nós o entendemos como um conjunto de ideias que orientam os leitores em relação à descoberta, ao cultivo e ao emprego de seus “recursos interiores para a realização de todos os seus desejos e sonhos” (CHAGAS, 2002, p. 85).

Segundo Chagas (2002, p. 91), os chamados manuais *mentalistas* se fundamentavam nas crenças da filosofia espiritual e na sabedoria oculta das sociedades antigas. Acrescentavam, também, elementos extraídos das religiões, da tradição esotérica e da psicologia subliminar do eu. Eles constroem *receitas* para cultivo e aprimoramento das faculdades mentais, apresentando técnicas que permitem a aplicação prática na vida. A função da literatura de autoajuda está na solução de problemas individuais. Segundo Rüdiger (1996, p. 143), essa literatura trabalha com remédios supramorais, que *tratam* as preocupações do indivíduo em relação à percepção social de um conflito ligado à própria personalidade.

⁶ Não é nossa pretensão expor, exaustivamente, o conceito de “gênero do discurso”. Por isso adotamos a orientação de Maingueneau (2013, p. 67), segundo a qual os gêneros de discurso correspondem “a dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes”.

Nesse cenário, a adolescência configura-se, sobretudo, como “uma etapa marcada por tormentos e conturbações vinculadas à emergência da sexualidade” (BOCK, 2007, p. 64). De um lado, estão os conflitos relacionados com uma crise existencial; do outro, os relacionados com o amadurecimento do corpo. A fase da adolescência relaciona *problemas* que partem do desenvolvimento biológico e chegam ao nível existencial, criando redes de crise identitária bastante frequentes e intensas.

A seguir, faremos a análise do *corpus*, a fim de examinar como as manobras linguísticas da superfície discursiva favorecem a constituição do *ethos* do discurso de autoajuda para adolescentes materializado na revista *Capricho*. Organizamos a discussão dos dados conforme as orientações metodológicas de Maingueneau, segundo as quais toda pesquisa em AD supõe duas etapas: “inicialmente, a exposição dos conceitos linguísticos; a seguir, a explicação da forma como a AD pode explorá-los” (1997, p. 20).

Modalidades linguísticas

Ao eleger a categoria modalidade linguística para a análise do nosso *corpus*, pretendemos verificar como se manifesta a relação de certeza ou de dúvida do enunciador sobre o seu enunciado. O nosso interesse é perceber se o discurso de autoajuda para adolescentes manifesta graus de certeza sobre aquilo que diz.

O conceito de modalidade não tem bases consensuais bem definidas. Por isso, nosso estudo fundamenta-se nas acepções propostas por Neves (2011, 2002), Brunelli (2004) e Brunelli e Dall’Aglio-Hattner (2011), que focalizam a natureza estrutural (a forma linguística) e os efeitos de sentidos que se realizam no processo de comunicação.

Por modalidade entendemos um conjunto de relações entre enunciador, enunciado e realidade objetiva, em que o enunciador demarca, de algum modo, termos de verdade e certos graus de certeza no que expressa (NEVES, 2011). Em outras palavras, é possível perceber em enunciados o modo de relação do enunciador sobre o estado das coisas, ou o julgamento do falante sobre a probabilidade de ser verdadeiro o enunciado por ele expresso.

Interessa-nos a noção de modalidade relacionada com a expressão de necessidade e de possibilidade, isso em virtude do propósito do discurso de au-

toajuda, que se organiza no campo do aconselhamento – e, em consequência, impõe necessidades e possibilidades de ser/fazer algo. Tal justificativa também foi apontada por Brunelli (2004), que estudou livros do gênero. Na ocasião, a pesquisadora percebeu que a modalização constituía elemento fundamental na composição do *ethos* do discurso de autoajuda, no qual o sujeito aconselhador precisava projetar uma imagem de quem domina o que diz.

Entendendo modalidade como expressão de possibilidade e necessidade, Brunelli (2004, p. 12) elenca três tipos específicos:

- a) modalidade alética: refere-se ao mundo ontológico, refletindo uma escala lógica que vai do necessário ao impossível. Neves (2011) argumenta que esse tipo de modalidade é pouco produtivo nos estudos linguísticos, já que o comprometimento da modalização alética com a verdade está relacionado com mundos possíveis;
- b) modalidade epistêmica: relaciona-se com a necessidade e a possibilidade epistêmicas; refere-se ao eixo da crença, reportando-se ao conhecimento que temos de um estado das coisas;
- c) modalidade deôntica: está relacionada “aos valores de permissão, obrigação e volição” (NEVES, 2002, p. 180). Ela se realiza por traços ligados ao enunciador, que demonstra ter ou não controle do que diz, e ao enunciatário, que pode aceitar ou não o valor de verdade do enunciado para executá-lo.

Em nossa análise, privilegiamos as modalidades deôntica e epistêmica, pois, conforme orienta Neves (2002, p. 180-181), elas constituem a modalização linguística *stricto sensu*, ou seja, “a modalização ocorrente e analisável nos enunciados efetivamente produzidos”.

Na modalidade deôntica, instauram-se deveres, eixos de conduta, os quais são orientados de duas maneiras: para o participante e para o evento. Vejamos exemplos do primeiro caso:

- (1) Este tende a ser um mês bafônico no seu círculo de amizades.
Procure não se envolver em problemas que não são seus para não se complicar. No amor, pode ser que role algo com um amigo,

mas só *invista* se achar que realmente vale a pena. O novo trânsito planetário fará com que você descubra sua verdadeira vocação. Yay! No começo do ano, *proveite para tomar sol, fazer uma trilha e curtir a natureza* (REVISTA CAPRICHOS, ed. 1206, 2015, p. 97, grifos nossos).

- (2) Sabe o que é mais incrível do que ter muitos seguidores? Ter amigos de verdade na vida real. Pra isso, você *não precisa sair* por aí dizendo “sdv” ou “troco elogios”. É só encontrar pessoas que possuam algo em comum com você. Como fazer isso? *Vá* a lugares que tenham a ver com o que você gosta. Curte música? *Busque* algum show legal ou *entre* num curso para finalmente aprender a trocar violão. Adora ler? *Compre* um livro e *fique* de boabeira na livraria batendo papo com desconhecidos. Tenho certeza de que você vai sair de lá com ótimas indicações... (REVISTA CAPRICHOS, ed. 1206, 2015, p. 102, grifos nossos).
- (3) Ano novo, vida nova, leonina. Este é o momento para dar aquela organizada nas coisas e se desapegar das velharias – velhos pensamentos, sentimentos antigos e quinquilharias. *Vamos renovar* as energias e começar o ano com o pé direito! No novo trânsito dos planetas, chegou a hora de dizer adeus àquela relação que não tem mais nada a ver ou então ativar de vez aquela paixão que vai te levar para novas aventuras (REVISTA CAPRICHOS, ed. 1206, 2015, p. 96, grifos nossos).

Em (1), (2) e (3), o sujeito enunciativo se utiliza de qualificadores deonticos para imprimir um efeito de autoridade ao que diz. Esses qualificadores “funcionam sempre como instrumentos à disposição do enunciativo para impor vontades sobre o enunciatário” (BRUNELLI; DALL’AGLIO-HATTNER, 2011, p. 22). De forma explícita, estão orientados, pois, ao participante, regulando-lhes o comportamento por meio de ordens e proibições.

Nos enunciados em destaque, a modalização deontica se estabelece por meio de verbos auxiliares (“*precisa sair*”, “*procure não se envolver*”, “*proveite para tomar sol, fazer uma trilha e curtir a natureza*”) e de verbos no imperati-

vo, como destacado em (2), cujos enunciados negritos – que encabeçam os conselhos da revista para adolescentes que estão em processo de mudança de escola – têm sua força deôntica modalizada por esse modo verbal.

Essas construções também contribuem para a manifestação de certeza, caracterizando o *ethos* do discurso de autoajuda para adolescentes, no qual o sujeito aconselhador precisa projetar uma imagem de quem domina o que diz:

Como se trata de uma questão de acreditar, de não duvidar, entendemos que os autores de autoajuda, enquanto sujeitos desse discurso, também devem manifestar em seus textos, com relação às teses que propõem, essa mesma crença/confiança que pregam para os seus leitores. Além disso, se as teses que apresentam são verdadeiras, se as fórmulas e orientações propostas efetivamente funcionam e se tudo é realmente uma questão de acreditar, então a incerteza e a dúvida devem mesmo ser manifestações excluídas e ou rejeitadas nos textos desse discurso (BRUNELLI, 2004, p. 8, grifos nossos).

Além disso, em (3), visando atenuar seu papel de fonte instauradora da obrigação, o sujeito enunciatador se inclui no enunciado: “*Vamos renovar as energias e começar o ano com o pé direito!*”. Tal opção configura clara estratégia de envolvimento, de aproximação em relação ao participante. Não se trata de impor uma obrigação a alguém, mas de se incluir no grupo dos que necessitam de um conselho. Há uma neutralização momentânea da posição hierarquicamente superior da fonte deôntica (BRUNELLI; DALL’AGLIO-HATTNER, 2011, p. 23).

Passemos, agora, aos exemplos de orientação deôntica para o evento:

- (4) [...] O aborto, por outro lado, também vem com uma bagagem pesada. [...] A sexualidade também fica em conflito: rolam vergonha e culpa quando há intimidade com um cara se a experiência do aborto ainda não foi adequadamente resolvida. *É necessário* tratamento psicológico para encarar essa história. E é fundamental que *a garota* não esteja sozinha.

Desabafar com alguém, como fez a Gabi, é o começo desse caminho. (REVISTA CAPRICHOS, ed. 1208, 2015, p. 81, grifos nossos).

- (5) *É preciso* ser madura e ter coragem para assumir que outra pessoa é melhor do que você em alguns aspectos. Ainda mais na adolescência, quando tanta pressão faz o cabelo da garota ao lado parecer sempre mais brilhante que o seu. Para que você não vire uma amiga tóxica e tente diminuir os outros para se sentir melhor, tente se esquecer das qualidades da sua amiga. (REVISTA CAPRICHOS, ed. 1208, 2015, p. 84).
- (6) Capricórnio em quadratura com Urano e Áries poderá trazer alguns desafios nos seus relacionamentos. *Será preciso* ter maturidade para não se arrepende de brigas bobas depois, ok? Na balada, seja responsável e não exagere. Há risco de surpresas, por isso *é bom* se cuidar. (REVISTA CAPRICHOS, ed. 1206, 2015, p. 96).

Em (4), (5) e (6), os valores deonticos não estão focalizados diretamente no enunciatário. O sujeito enunciatário expressa a manifestação de dever a partir de adjetivos em posição predicativa (*é necessário, é preciso, é bom*) recaindo o potencial deontico sobre o evento. Assim como os adjetivos, os verbos no infinitivo (“*Desabafar* com alguém...”) e a categorização do enunciatário (“é fundamental que *a garota* não esteja sozinha”) suavizam o caráter de obrigação dos enunciados, atribuindo-lhes um efeito de impessoalidade, quando, na verdade, a instauração de dever permanece demarcada, porém com mecanismos de atenuação. A modalidade deontica orientada para o evento tenta apagar, portanto, o valor de imposição dos enunciados, “o que reforça o seu caráter persuasivo e lhe imprime um tom mais didático e menos autoritário” (BRUNELLI; DALL’AGLIO-HATTNER, 2011, p. 25).

Passemos, agora, à modalidade epistêmica. Trata-se de o enunciatário revelar o grau de possibilidade de determinado evento acontecer, podendo ou não expressar comprometimento em relação ao conteúdo do enunciado. Ocorre também de duas formas: com orientação para o evento ou para a proposição. Vejamos exemplos do primeiro caso:

- (7) Este mês, você estará ainda mais bonita, extrovertida e a fim de correr atrás dos seus sonhos. Isso *pode* significar tanto planejar um intercâmbio como conquistar o garoto de quem você gosta. O aspecto tenso dos astros neste período *pode* afetar um pouco seus relacionamentos, mas sendo sincera tudo vai dar certo. Sua mente estará dispersa na escola, mas tente manter o foco (REVISTA CAPRICHOS, ed. 1208, 2015, p. 102, grifos nossos).
- (8) Esta volta às aulas *poderá* ter um significado diferente para as librianas. Você estará dedicada, a fim de se preparar para o vestibular, para um intercâmbio ou para expandir seus horizontes. Se joga! Com a entrada de Vênus em peixes, *é provável* que você conheça alguém que chegue para balançar sua vida amorosa. O clima de sedução *pode* deixar seus dias mágicos e misteriosos. Só tome cuidado para não ficar com a cabeça na lua! (REVISTA CAPRICHOS, ed. 1207, 2015, p. 95, grifos nossos).

Em (7) e (8), os modais epistêmicos estão orientados para a possibilidade de um evento ocorrer. Neles, o sujeito enunciativo arquiteta possíveis cenários, traça exemplos que balizam o poder argumentativo de seus enunciados. Isso promove um efeito de distanciamento, pois condiciona ao próprio evento a probabilidade de este ocorrer, e não ao juízo de valor do sujeito enunciativo. Gera também um efeito de dúvida ao dito, não comprometendo, porém, o caráter de autoridade do discurso de autoajuda, como bem argumentam Brunelli e Dall’Aglione-Hattner (2011, p. 25): “[...] embora as ocorrências em questão sejam manifestações de possibilidade, elas não se apresentam como manifestações de incerteza do sujeito enunciativo em si, que se esquivava desse comprometimento [...]”.

O modal *pode* é recorrente, corroborando o argumento de que os eventos estão no plano da possibilidade. Trata-se de não conferir um tom taxativo a eventos que designam situações hipotéticas as quais os adolescentes podem vivenciar. O efeito de incerteza, também demarcado em (8) pelo adjetivo *provável* em posição predicativa, não está sobre o enunciado (o conteúdo em si),

mas sobre as situações que envolvem os enunciatários. Dessa forma, o sujeito enunciador parece não emitir um juízo de valor em seus enunciados, esquivando-se de possíveis comprometimentos em relação às avaliações/conselhos que propõe, ou seja, a manifestação de possibilidade o isenta da responsabilidade pelos eventos que narra.

Ainda na modalidade epistêmica, a orientação pode ser para a proposição. Analisemos alguns casos:

- (9) O garoto de peixes: ele estará supersedutor, mas nem tudo que o pisciano diz é o que ele faz, viu? *Na verdade*, ele não sabe bem o que quer e vai atirar para todos os lados, por isso vá com calma (REVISTA CAPRICHOS, ed. 1208, 2015, p. 103, grifo nosso).
- (10) Por que você não confia no seu potencial? Acha que está faltando algo em si mesma para despertar o interesse exclusivo dele? Para tudo, gata! Pense: foi o seu jeito de ser que atraiu o menino e fez vocês começarem a namorar. Mas, se a insegurança tem a ver com a forma como ele está te tratando, então a questão é entender os motivos dele. E aí não *necessariamente* serão razões relacionadas somente a você... (REVISTA CAPRICHOS, ed. 1208, 2015, p. 88, grifo nosso).
- (11) Você precisará de força e energia para enfrentar essa maré de confusões, mas tudo tende a ser animado. Pode ser que você perceba mudanças nas amizades, como gente nova chegando ou alguns amigos saindo de sua vida. É que você está mudando! Sem neura, porque é um processo natural. Nesse meio-tempo, *quem sabe* conhece alguém interessante, né? (REVISTA CAPRICHOS, ed. 1208, 2015, p. 103, grifos nossos).

Em (9) e (10), a qualificação epistêmica recai sobre a proposição, revelando grau de envolvimento do sujeito enunciador com o enunciado. Os modalizadores adverbiais *necessariamente* e *na verdade*, embora relacionados com a certeza, parecem não revelar um enunciador completamente convicto do que diz, assim como a expressão indefinida *quem sabe*. No contrato de comunicação firmado nesse plano, o eixo da dúvida, mesmo em situações de possibilidade, reveste-se de valores de verdade em

virtude do *ethos* do discurso de autoajuda, que manifesta potenciais efeitos de certeza. Em outras palavras, o tom de autoajuda encenado pela revista *Capricho* constrói um *ethos* de certeza/verdade tão forte que até o efeito de possibilidade se reconfigura num sujeito enunciador bastante convicto do que diz.

Marcadores conversacionais

Situamos os marcadores conversacionais (MC, doravante) nos trabalhos de Marcuschi (2003, p. 61), que os define como elementos do texto conversacional que operam tanto no nível comunicativo (no fluxo da comunicação) quanto na organização sintática (na disposição estrutural das informações). Pensamos nessa categoria analítica em virtude de o texto da revista *Capricho* apresentar-se repleto de marcas de oralidade, isto é, um texto muito próximo à fala. E isso designa mais do que processos de construção textual. Denota estratégias que visam promover efeitos de empatia entre enunciador jornalista e enunciatário adolescente. Como consequência, as “barreiras” entre esses sujeitos da enunciação se tornam menos rígidas e mais difusas.

Marcuschi (2003, p. 62) classifica os MC do tipo recursos verbais⁷ em sinais preposicionados e pós-posicionados. Os primeiros são utilizados no início do turno ou da unidade comunicativa. Normalmente, eles demarcam o turno de fala do enunciador ou o encadeamento do tópico tratado. Exemplos:

- (12) *Ok*, o maior medo que a mudança traz é o de se afastar demais e perder de vez os velhos amigos. Mas calma. Sempre dá para criar oportunidades para aproveitar um tempo juntos. E todo encontro terá aquele reforço gostoso de saudade! Mantenha a proximidade da galera dividindo suas histórias do dia a dia

7 Marcuschi (2003, p. 63) argumenta que os marcadores conversacionais se estruturam em recursos verbais (expressões linguísticas), recursos não verbais (olhar, riso, gesticulação) e suprasegmentais (pausas e tom de voz). Como nosso material de análise pertence ao suporte impresso, privilegiamos os recursos verbais.

pelo Face ou WhatsApp. ;) (REVISTA CAPRICHOS, ed. 1207, 2015, p. 71, grifo nosso).

- (13) A sua bff do ano passado pode, de repente, não ter mais nada a ver com você. Parece bizarro, mas acontece. Todo mundo muda nessa idade. E você pode ter mudado! É como ler tuítes antigos seus e ficar com vergonha... *Aí*, mesmo com tanta coisa em comum no passado, você e sua parça se afastam no presente. Nesse caso, é preciso saber dar um tempo, sem magoar ou ficar magoada. E torcer por vocês se reencontrarem já, já (REVISTA CAPRICHOS, ed. 1208, 2015, p. 83, grifo nosso).
- (14) *Sim!* A maioria dos meninos confessa que já gostou de duas garotas ao mesmo tempo. Principalmente quando o caso ainda não é sério. É papo com uma aqui, outra ali e... rola um sentimento por ambas. Mas sempre tem uma que chama mais atenção deles. Seja pela conversa, seja pelo estilo. (REVISTA CAPRICHOS, ed. 1207, 2015, p. 85, grifo nosso).
- (15) Se você não é a única nesse rolo, pode ser difícil decidir entre investir no garoto e partir para outra. Um garoto que dedica bastante tempo a você e demonstra carinho em público pode valer a pena! Do contrário, não. *Ah*, e se você está envolvida demais, abra logo o jogo com ele. Assim, você terá uma resposta definitiva. (REVISTA CAPRICHOS, ed. 1207, 2015, p. 85, grifo nosso).

Nos exemplos acima, os marcadores conversacionais destacados por nós representam sinais preposicionados, isto é, recursos linguísticos que iniciam o turno de fala (neste caso, o parágrafo) ou favorecem a progressão dos tópicos tratados (função de sequência textual). Para além dessas funções, os marcadores promovem determinados efeitos de sentido, sobretudo relacionados com a interação verbal. Nesse aspecto, dialogamos com os trabalhos de Guerra (2007) e Furlan (2013), que, apesar de utilizarem o termo *marcadores discursivos*, estudam elementos de natureza semelhante aos que abordamos aqui.

Em (12), *ok* assume função clara de reforçar a interação. Em termos de conversação, há o efeito de encenação de que algo já foi dito antes, num turno

de fala anterior. Esse MC resgata um saber compartilhado entre os enunciadores: no referido enunciado, trata-se do sentimento de insegurança, característico da situação de mudança, a qual também perpassa o receio de se perderem os laços de amizade construídos durante a adolescência (ERICKSON, 1976). Guerra (2007, p. 68) atribui a esse marcador função de sequenciamento interativo do tipo iniciador. Ele reforça o *ethos* de espontaneidade do discurso de autoajuda direcionado a adolescentes, construindo uma cena de intimidade, típica de relação afetuosa de amizade. Os MC favorecem a construção de uma cena enunciativa mais descontraída, cujo texto parece estar mais próximo da fala do que da escrita. Trata-se claramente de uma estratégia discursiva empregada por um sujeito que conhece o funcionamento do contrato de comunicação aí vigente.

O mesmo parece acontecer em (14), quando o enunciador inicia seu turno de fala com *sim*. Esse MC sinaliza, novamente, um interdiscurso relacionado com a adolescência – fase em que há potencial interesse por relacionamentos, ainda mais num período de descoberta da sexualidade (ERICKSON, 1976). Ao utilizar *sim*, o sujeito enunciador projeta a imagem de quem conhece muito bem essa fase, antecipando, de imediato, que o tópico de que irá tratar é decisivo para a adolescente. O MC *sim* fortalece o *ethos* de certeza encenado pelo discurso de autoajuda para adolescente, cujo sujeito enunciador manifesta autoridade para enunciar.

Em (13), o MC *ai* desempenha função essencialmente textual. Como se trata de uma narrativa de autoajuda, a ideia é torná-la o mais “fluente” possível, isto é, a narrativa se constrói de modo semelhante às narrativas orais (a conversação), cujos operadores coesivos se diferem em parte dos operadores do texto escrito. Assim como em (12), o MC denota um efeito de espontaneidade, porém mais relacionado com a progressão dos enunciados.

Em (15), observamos o MC *ah*. Este uso potencializa ainda mais o efeito de que o texto possui mais traços da língua falada do que da língua escrita. Isso porque *ah* reflete um efeito de hesitação: é como se o sujeito enunciador se esquecesse de mencionar algo e, ao lembrar, recupera o turno para tratar do tópico “esquecido”. A hesitação é característica determinante do texto falado informal. De acordo com Marcuschi (2003, p. 70), a hesitação representa alguma dificuldade cognitivo-verbal enfrentada durante o processo de

interlocução. Assim, o enunciador para o tópico em andamento, reformula o pensamento e reconstrói o seu texto falado: “há uma interrupção no fluxo informacional devido a uma má seleção futura, resultando em um enunciado ainda não concluído” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 2012, p. 60).

No texto escrito, a hesitação pode ser suprimida com a simples reescrita do texto, sem que isso seja perceptível. No enunciado (15), o sujeito enunciador faz questão de demonstrá-la, a fim de reforçar o efeito de espontaneidade exigido pelo contrato de comunicação estabelecido na/pela revista *Capricho*.

Sobre os sinais pós-posicionados, Marcuschi (2003, p. 68) observa que eles estão situados no final do turno de fala ou na conclusão de um subtópico. Exemplos:

- (16) O garoto de Peixes: ele estará supersedutor, mas nem tudo que o pisciano diz é o que ele faz, *viu?* Na verdade, ele não sabe bem o que quer e vai atirar para todos os lados, por isso vá com calma. (REVISTA CAPRICHOS, ed. 1208, 2015, p. 103, grifo nosso).
- (17) K., querida, toda mulher tem pontos fortes e fracos – eu, você, a Jennifer Lawrence. Beleza tem muito a ver com sentir-se bem consigo mesma (justamente o que você tanto procura!). Eu mesma demorei anos para entender que as pessoas nos veem como a gente se vê. Se você fosse vender uma blusa, iria expô-la bem linda na vitrine, falar que é a última tendência da moda, seduzir a compradora, *certo?* Senão, quem iria comprar? Por isso vamos lidar com o que está aí dentro. Porque, quando você sentir que é linda, você será! (REVISTA CAPRICHOS, ed. 1207, 2015, p. 89, grifo nosso).
- (18) Este é um momento de mudanças e acontecimentos inusitados, aquariana. Você precisará de força e energia para enfrentar essa maré de confusões, mas tudo tende a ser animado. Pode ser que você perceba mudanças nas amizades, como gente nova chegando ou alguns amigos saindo de sua vida. É que você está mudando! Sem neura, porque é um processo natural. Nesse meio-tempo, quem sabe conhece alguém interessante, *né?* (REVISTA CAPRICHOS, ed. 1208, 2015, p. 103, grifo nosso).

- (19) Sobre o drama da primeira vez, K., primeiro quero dizer que não é a idade que importa, e sim o seu timing. Se você quer mesmo transar, lembre-se, na hora de tirar a roupa, de que o garoto não está vivendo essa neura com você. Ele a enxerga e está a fim! Fora que os meninos se atraem pelo conjunto da obra: corpo, personalidade, energia... Para o cara, vale mais uma garota divertida e cheia de confiança no próprio charme, porque ela o seduz. Então, quando bater a vontade, arrisque! Melhor do que sofrer depois por não ter tentado. *Ok?* (REVISTA CAPRICHOS, ed. 1207, 2015, p. 89, grifo nosso).

Nos exemplos acima, encontramos MC com duas funções específicas: *feedback* e *checking*, ambas voltadas à interação. Os marcadores com função de *feedback* “expressam uma nítida orientação por parte do ouvinte em relação ao falante, através da manifestação de um acompanhamento atencioso da fala do outro” (GUERRA, 2007, p. 62). Já os com função de *checking* “expressam nítida orientação por parte do falante em direção ao ouvinte, através da busca de uma aprovação discursiva” (GUERRA, 2007, p. 62). Em outras palavras, enquanto estes buscam uma aprovação em relação ao tópico tratado, aqueles estão orientados para o prosseguimento da conversação, para checar a atenção do interlocutor.

No enunciado (16), o MC *viu?* exerce a função de *feedback*, pois está mais orientado a perceber se o leitor está de fato acompanhando sua argumentação. Com ele, o sujeito enunciativo constrói uma cena clara de autoajuda, traçando conselhos amorosos de precaução à leitora da revista. O MC *viu?* aparece como sustentador do tópico tratado, uma espécie de “alerta” para o enunciatário adolescente, que deve ir “com calma”.

Em (17), (18) e (19) os MCs *certo?*, *né?* e *ok?* desempenham a função de *checking*. No nosso *corpus*, marcadores com essa função aparecem com bastante regularidade, o que nos permite inferir que o sujeito enunciativo da revista *Capricho* busca, constantemente, a aprovação do interlocutor em relação aos enunciados, sobretudo em relação às asserções de chegada (a tese). Eles correspondem a mais um elemento que constrói a cena de espontaneidade, de intimidade entre os sujeitos do contrato de comunicação. Isso fica evidente

nas pistas linguísticas materializadas nos enunciados, as quais revelam um sujeito menos jornalista e mais adolescente, percepção também defendida por Mira (2001, p. 78), segundo a qual a revista passa a ocupar o lugar de irmã ou amiga da leitora, “conversando sobre os seus problemas mais íntimos”. Assim como Furlan (2013), também constatamos que o discurso de autoajuda para adolescente constrói uma cena mais espontânea, menos rígida, diferentemente do discurso de autoajuda tradicional, em que o sujeito enunciatador se posiciona como dono da verdade e do saber.

Considerações finais

Ao privilegiarmos o estudo da materialidade linguística na análise do discurso de autoajuda para adolescentes, refutamos qualquer ideia que pressuponha a adoção da linguística como efeito de cientificidade, ao passo que, nessa perspectiva, estar-se-ia fazendo uma explicação tradicional de textos, deveras distante do projeto teórico da AD. Do mesmo modo, refutamos a concepção de que a linguagem representa um simples suporte de transmissão de informação, quando, na verdade, ela medeia a relação entre sujeitos interlocutores, seus enunciados e seus referentes.

A análise das categorias modalidade linguística e marcadores conversacionais nos permitiu verificar que a manifestação de dever e ser constitui um traço característico desse discurso, cujo *ethos* reclama efeitos de autoridade, certeza e verdade naquilo que diz. Além disso, verificamos manobras linguísticas que atenuam o tom taxativo dos conselhos propostos, em busca do envolvimento com o enunciatário adolescente. Afinal, oferecer conselhos a esse público exige uma organização linguística mais apropriada para a assertividade da enunciação empreendida pelo sujeito enunciatador da revista *Capricho*, que, claramente, encena ser amiga da adolescente.

Referências

ARANHA, Marize Barros Rocha; CARVALHO, Cláuberson Correa. “Pronta para brilhar muito, aquariana?”: o *ethos* do discurso de autoajuda para adolescentes. *Fórum Linguístico* (Online), v. 12, 2015. p. 915-929. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2015v12n4p915/31080>>. Acesso em: 10 mai. 2016

BOCK, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, vol.11, n. 1; p. 63-76, jun. 2007.

BRUNELLI, Anna Flora. *O sucesso está em suas mãos: análise do discurso de autoajuda*. 2004. 149f. [Tese de Doutorado em Linguística.] Universidade Estadual de Campinas.

_____; DALL’AGLIO-HATTNER, Marize Mattos. As qualificações do saber, do dever e do poder: uma análise linguística do discurso de autoajuda. In: BARONAS, Roberto Leiser; MIOTELLO, Valdemir (Org.). *Análise de discurso: teorizações e métodos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011, p. 13-31.

CHAGAS, Arnaldo Toni Sousa das. *O sujeito imaginário no discurso de autoajuda*. Ijuí: Ed. Unjuí, 2002.

ERICKSON, Erik. *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FERREIRA, Olivaldo da Silva Marques. *Sujeitos de papel: um estudo bakhtiniano acerca da construção de subjetividade promovida pela revista Capricho*. 2015. 140f. [Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos.] Universidade Federal do Espírito Santo.

FIORIN, José Luiz. Enunciação e comunicação. In: FIGARO, Roseli (Org.). *Comunicação e Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2015.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividades*. 1996. 297f. [Tese de Doutorado em Educação.] Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FORNARI, Liege Maria Sitja; SOUZA; Elizeu Clementino de. As narrativas nos discursos de autoajuda. *Revista da FAEEDBA*, n. 15: 133-141, 2001.

FRANÇA, Renné Oliveira. Revista e referentes: a pensata na construção do mundo de cada publicação. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWABAB; Reges (Orgs.). *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, 2013.

FURLAN, Marília Molina. *Cenas de enunciação e ethos discursivo: análise do discurso de autoajuda para adolescentes*. 2013. 162f. [Dissertação de Mestrado em Letras.] Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de São José do Rio Preto.

GUERRA, A. R. *Funções textual-interativas dos marcadores discursivos*. 2007. 233f. [Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos.] Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

_____. *Ethos, cenografia, incorporação*. In: AMOSSY, R. (Org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008a.

_____. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

_____. *Gênese dos discursos*. Trad. de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008c.

_____. *Análise de textos de comunicação*. Trad. de Maria Cecília P. de Souza-e-Silva. 6. ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Fapesp, 2001.

NEVES, Maria Helena de Moura. Imprimir marcas no enunciado. In: _____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. A modalidade. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (org.). *Gramática do português falado*. V. VI: Desenvolvimentos. 2. ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

NUNES, Sílvia Helena Casagrande. *Discurso, ethos e revistas para adolescentes: uma voz pink*. 2009. 112f. [Dissertação de Mestrado em Linguística.] Universidade de Franca.

POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

REVISTA CAPRICHO. São Paulo: Editora Abril, n. 1206, jan. 2015. 102p.

REVISTA CAPRICHO. São Paulo: Editora Abril, n. 1207, fev. 2015. 98p.

REVISTA CAPRICHO. São Paulo: Editora Abril, n. 1208, mar. 2015. 106p.

RÜDIGER, Francisco. *Literatura de autoajuda e individualismo*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

“WHY DON’T YOU BELIEVE IN YOUR POTENTIAL? STOP, DARLING!”: LINGUISTIC ANALYSIS OF SELF-HELP DISCOURSE FOR TEENS

ABSTRACT

This paper intends to analyze the self-help discourse to teens in a linguistic perspective. We are fundamented in studies of French School of Discourse Analysis. We selected as *corpus* three editions published by the magazine *Capricho* between January and March 2015. The analysis shows that the *ethos* of this discourse indicates effects of authority, certainty and spontaneity.

KEYWORDS: French School of Discourse Analysis; *ethos*; self-help.